

**O BANHEIRO:
um prisma para reflexões sobre relações de
gênero a partir da perspectiva simmeliana**

***THE RESTROOM:
a prism for reflections about gender relations
from the Simmel perspective***

Danieli Siqueira
Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Pensando o banheiro para além de seus conteúdos o presente trabalho utiliza algumas ideias apresentadas por Simmel com a perspectiva de refletir sobre as relações de gênero demarcadas através das formas de utilização e interação neste e com este espaço. Caminhando pela noção de segredo, interação, natureza, cultura, espírito, objeto, constituição dos sujeitos a partir das dualidades este ensaio cria vida e dialoga com uma temática cara à modernidade.

Palavras-chave: sociologia, gênero, modernidade, cultura.

Abstract

Thinking of the restroom beyond its contents this paper uses some ideas presented by Simmel at the prospect of thinking about gender relations marked by ways of use and interaction with this and within this space. Walking through the notion of secrecy, interaction, nature, culture, spirit, object, and constitution of subjects from dualities, this essay comes to life and converses with a theme which is at the core of modernity.

Keywords: sociology, gender, modernity, culture.

Entrando no banheiro

O presente artigo assume a característica simmeliana do ensaio como “talvez”, assim como descrito por Waizbort em *Aventuras de Georg Simmel*. Desta maneira, a busca não será pelas certezas e sim por promover reflexões a partir das dúvidas.

O banheiro em si não é só um banheiro em seu conteúdo, ou seja, um espaço específico para efetivação das necessidades fisiológicas. As formas como as interações se dão neste espaço, ou a partir dele, traduzem para nós informações “da compreensão mútua e da consciência comum do círculo social” (Vandenbergher, 2005, p. 77). Essas interações são marcadas por um processo de “separação”, que chamarei de “separação relacional”. Vamos partir de um ponto de análise específico, o fato de a maioria dos banheiros públicos serem divididos em “feminino” e “masculino”, o que já nos demonstra esta separação relacional. Simmel (1996), em seu excelente artigo *A ponte e a porta*, afirma que ao dizermos que os objetos estão “separados” nós já referimos um ao outro, e, desta maneira, reafirmamos a relação entre ambos, uma vez que só se separa o que está previamente unido e só se une o que estava previamente separado. Ainda de acordo com Simmel, o sentido da noção de separação tem seu início na vontade humana de unir, de juntar espaços, sendo assim, não basta que os objetos estejam exteriores uns aos outros, mas sim que estejam “separados”. Tal como Simmel retrata este processo relacional a partir da separação das margens do rio pela ponte, o mesmo ocorre com o banheiro, que separa os elementos que *a priori* estão unidos, o “feminino” e o “masculino”.

Separação e reaproximação representam, assim, lados de uma mesma moeda. Enquanto a ponte, para Simmel, enfatiza a “re-união”, visto o processo de separação, a porta é um exemplo marcante de que interior e exterior compõe um mesmo espaço. E mais do que isso, ao compararmos a porta com a parede, como o faz Simmel, percebemos que ambas fecham, mas a parede é muda, imóvel, inarticulada, já a porta fala. O fato de ela levar consigo a possibilidade de abrir, ao fechá-la se promove um isolamento ainda mais forte exatamente pelo fato de ali estar intrínseca a possibilidade de não fechar.

E assim voltamos ao banheiro, que pode ser ponte e pode ser porta. Ponte no momento em que separa, demarcando e criando diferenças, colocando em extremidades, a partir de um desejo que podemos chamar de relacional, elementos que podem e estão relacionados com a natureza e a cultura ao mesmo tempo, sexo e gênero, feminino e masculino.

De acordo com Waizbort (2000), o processo cultural que descreve a ideia de cultura filosófica ou filosofia da cultura trabalhada por Simmel

é marcado pela circularidade, por uma teia de relações, onde há um fluxo constante, como numa corrente, fazendo um caminho, vinculando sujeito-objeto e objeto-sujeito, em que o sujeito seria cultivado e enriquecido constantemente. A relação do homem com a natureza, para Simmel, é a relação entre sujeito e objeto; uma relação conflituosa, marcada por tensões que constroem e reconstroem o sujeito como num processo. No entanto, na modernidade, o processo cultural é marcado pela tragédia da cultura.

[...] na estrutura cultural [origina-se] uma fenda, que decerto já está junto ao seu fundamento, da qual resulta a partir da síntese de sujeito e objeto, da significação metafísica do seu conceito, um paradoxo, mesmo uma tragédia. O dualismo de sujeito e objeto, que pressupõe sua síntese, não é apenas, por assim dizer um dualismo substancial, que diga respeito ao ser de ambos. Senão que a lógica interna, segundo a qual cada um deles se desdobra, não coincide naturalmente de modo algum com a do outro (Simmel apud Waizbort, 2000, p. 126).

Ou seja, ocorre a autonomização e alienação dos objetos, e estes se isolam do sujeito; o todo das relações é rompido, o processo cultural é bloqueado, os objetos deixam de ser meios e para se tornarem fins em si próprios, bloqueando assim a corrente original do processo cultural.

Ao ser porta, o banheiro assume outro caráter, aquele da interação, da integração, isto é, onde elementos complementares convivem num mesmo espaço e a força dos processos que demarcam a separação pode ser minimizada. Logo, ao ser porta, o banheiro assume que os elementos masculinos e femininos (sendo eles encarados como natureza e cultura ao mesmo tempo) fazem parte de um mesmo sujeito. E o banheiro, assim como a porta, só representa o pêndulo da possibilidade de transição entre um elemento e outro, entre feminino e masculino. Enquanto porta, no banheiro não se justificam relações que demarcam superioridade e inferioridade entre sujeitos, “homens” e “mulheres”. Não se justificam estereótipos do tipo que associam o banheiro masculino à sujeira e o feminino a não sujeira. O banheiro enquanto porta é uno em suas dualidades, abarcando o caminho da dialética simmeliana.

Mulher e homem, masculino e feminino... *De dentro do banheiro*

Algumas características estão marcadas no imaginário simbólico no que se refere ao banheiro, mais ainda se o pensamos a partir de uma cisão entre feminino e masculino. O banheiro *a priori* está vinculado à ideia de

liberação de excrementos, um lugar para limpar o corpo, ou seja, estão aí embutidas as noções e sensações de sujeira e limpeza simultaneamente, visto uma estar intrinsecamente referida à outra. Corpo, natureza, sexo, genitália também estão associados a este espaço chamado banheiro no simbolismo social.

Caso um homem utilize um banheiro destinado ao “feminino”, ele põe em cheque sua “masculinidade” no imaginário coletivo. Mas se for criança, menino, não terá sua masculinidade questionada, uma vez que socialmente ela ainda “não” foi constituída. Esta ideia faz parte do discurso moderno ocidental, no entanto, alguns estudos demonstram outras possibilidades. Vejamos:

A visão monocromática do sexo no discurso do desenvolvimento representa as mulheres como vítimas impotentes, os homens como predadores sexuais vorazes e as crianças como seres inocentes. [...] As crianças são um grupo para o qual se pressupõe que a sexualidade não constitui uma questão relevante. No entanto o estudo de Deevia Bhana (p. 131) com crianças de sete e oito anos, num município de população negra, em KwaZulu-Natal, África do Sul, mostra que meninos e meninas dessa idade “não são nem inocentes nem ignorantes sobre HIV/AIDS e sexo”. Embora já pudessem conversar confortavelmente sobre AIDS, sexo e camisinhas com a pesquisadora, essas crianças sabiam que não deviam falar sobre essas coisas, pois caso o fizessem, “levariam uns tapas” (Cornwall; Jolly, 2008, p. 31).

De volta ao banheiro, vemos que sexo e gênero se intercibiam constantemente nos banheiros ‘separados’. Separa-se *a priori* a partir de justificativas biológicas, focando em seu conteúdo, isto é, na ideia de banheiro enquanto espaço para fruição das necessidades fisiológicas. No entanto, apesar desses conteúdos/objetos parecerem, eles não estão apartados de sua forma, visto que demarcam significados além, ou seja, afirmam e reafirmam relações de gênero, aproximando e distanciando continuamente espírito e objeto, natureza e cultura.

Nesta lógica, se faz presente a perspectiva do poder, que demarca as relações de gênero/sexo. Assim como trabalhado por Foucault (1998) na *História da Sexualidade*, o poder relacionado ao sexo sempre se dá de forma negativa, ou seja, ocultando, excluindo. O poder dita a lei, a ordem que deverá ser seguida pelo sexo e utiliza-se da linguagem como instrumento jurídico-discursivo; o poder tenta manter a proibição pela constante censura que busca tornar o sexo mudo, não manifestado, de modo que este último só pode existir como segredo. Poder que reprime e sujeito que obedece. Neste sentido, o corpo passa a ser um local de aplicação do poder. A categorização

da sexualidade, que a um só tempo a constitui e constrói, reiteram as marcas da dominação sobre os sujeitos.

De acordo com Brym e colaboradores (2006), longe das análises essencialistas que compreendem a constituição das identidades de gênero a partir do determinismo biológico, como a tese freudiana – que defende a ideia de que o gênero é constituído desde a primeira infância a partir de um processo natural de reconhecimento entre os sexos –, o construtivismo social compreende a composição biológica (sexo) como instrumento para a vivência da sexualidade, mas não como sua definidora. Esta ideia é igualmente válida no que se refere à constituição das identidades de gênero.

Teorias feministas, como abordadas por Butler (1990), apontam para a perspectiva do poder presente nas relações de gênero que demarcam dicotomias num contexto de desigualdades. Desta maneira, sugerimos que a manutenção de princípios norteadores patriarcalistas pode ser observada na experiência dos banheiros públicos na sociedade moderna.

De acordo com Simmel, em seu ensaio *Cultura feminina*,

A diferença interna entre os princípios masculino e feminino [...] se tornou tão natural para nós e condiciona de maneira tão dogmática nossa vida prática, que consideramos instintivamente cada mulher em função de puras categorias femininas, e cada homem segundo puras categorias masculinas. Sem uma atenção especialmente consciente não julgamos o ser ou o fazer masculino e feminino segundo uma norma realmente homogênea (Simmel, 2006, p. 84).

A visão moderna desconsidera o fato de que os princípios masculino e feminino estão presentes em todos os seres humanos – os banheiros na modernidade, em grande medida, representam este contexto.

A cultura moderna é estritamente masculina, objetiva, a cultura da práxis. Mas como a cultura feminina consegue sobreviver a essa constante tentativa de repressão? Simmel (2006) sugere que os movimentos interiores do ser humano, a constituição de um mundo próprio a partir de uma possibilidade psicológica é que garantem, na verdade, a existência da cultura como um todo, o que põe em questão o que põe em questão o próprio conceito de cultura feminina e cultura masculina, e, por conseguinte, sua contraposição, cultura feminina X cultura masculina.

As formas de utilização do banheiro reiteram características destes princípios ‘separados’. Por exemplo, a posição de urinar em pé demonstra virilidade, e a péssima pontaria demarca domínio, ou seja, “homem” não precisa se preocupar com a limpeza, ou melhor, a não sujeira do ambiente, quanto mais urina pelo chão, mais a masculinidade é reafirmada, mais o

território é demarcado. Mas será essa uma característica física natural ou uma característica sociocultural? Parto do pressuposto de que uma só é possível mediante a outra.

Na relação entre os sexos, presente no banheiro, quando marcada pela hierarquia, mesmo que simbólica, a tendência é que o homem comprometa o mínimo do seu eu, conservando assim sua objetividade, e consequentemente sua masculinidade. Enquanto isso, espera-se da mulher que comprometa o seu máximo, assim como na relação sensual, em que “o comprometimento da mulher é infinitamente mais pessoal, mais essencial, mais globalmente envolvente para o eu do que o do homem” (Simmel, 2003, p. 56).

Apesar de o banheiro público possibilitar a livre circulação, o banheiro, seja ele qual for, carrega a marca do segredo. É secreto o que está sendo feito ali. Tantas coisas podem ser feitas naquele ambiente, dentro dos limites das demarcações predefinidas (masculino x feminino); ao fechar a porta do banheiro o segredo é instituído, o que pode se tornar um jogo de tentativas e descobertas. O que está sendo feito? Liberação de excrementos? Autorrealização de desejo sexual? Sexo? Choro? Apenas uma maneira de estar sozinho? Xingamentos escritos na parede? O que homens fazem no banheiro masculino? Por que mulheres demoram tanto quando vão ao banheiro?

Alguns estudos, como o realizado por Texeira e Otta (1998), apontam que xingamentos escritos nas paredes dos banheiros masculinos e femininos demonstram diferenças entre expressões de gênero, analisando, num contexto sócio-histórico, como os indivíduos se comportam neste ambiente, demarcado pela separação pautada no sexo/gênero, que é o banheiro. Afinal, o banheiro talvez seja, em nossa sociedade, o ambiente que mais reitera esta dicotomia.

De acordo com Simmel (Maldonado, 2011, p. 99) “o segredo [...] oferece, digamos, a possibilidade de um segundo mundo junto com o mundo manifesto [...]”. O segredo constitui e é constituído pelo simbolismo, pelo significado das coisas e das relações. Ele permeia as relações em torno dele, como é o caso das relações de gênero experienciadas na vivência do banheiro. Para Simmel,

A existência de um segredo entre dois indivíduos ou dois grupos e a sua medida são questões que caracterizam as relações entre eles. Pois enquanto uma das partes não se dá conta da existência de um segredo, o comportamento daquele que o oculta, e assim toda a relação, é permeada por tal fato (Maldonado, 2011, p. 99).

A relação entre homem e mulher é fortemente marcada pela presença do segredo, do mistério. É como um jogo incessante de conquista e reconquista, de perdas e ganhos, assim como Simmel (2003) descreve em seu ensaio *Psicologia do Coquetismo*. Perder nem sempre significa ser derrotado, assim como ganhar nem sempre significa vencer. O que mais importa no segredo não é o conteúdo que ele guarda, mas sim o fato de possuí-lo, que é o que lhe dá efetividade, amplitude e significado. Ao mesmo tempo em que o segredo cria barreiras entre os seres humanos, ele ressalta a possibilidade tentadora de rompê-la. E, neste sentido, a divisão construída socialmente entre os sexos que demarcam posições de gênero também vão sendo reiteradas pela vivência do segredo em relação à utilização dos banheiros na sociedade ocidental atual.

WC feminino... Só para mulheres

Podemos pensar nos indivíduos transgêneros ou transexuais a partir da experiência vivida nos banheiros públicos na sociedade moderna. O banheiro público representa uma fronteira que revela um caráter de fluidez e, apesar da resistência advinda da exigência social das oposições dicotômicas, de pôr tudo ou quase tudo em lados opostos e não complementares, de fato há essa chance de movimento pelos indivíduos transgêneros, em alguns casos, representada pela possibilidade de utilização do banheiro masculino e feminino.

Mas ao mesmo tempo este fato parece representar certa indefinição no imaginário simbólico no que se refere à convivência e “aceitação” ou tolerância (acredito que ainda não podemos falar de respeito, em grande parte dos casos) da sociedade para com os indivíduos transgêneros e/ou transexuais, visto a tendência das sociedades modernas de “separação”, fugindo do princípio da integralidade. Vejamos:

As modernas batalhas jurídicas em torno do reconhecimento da identidade transgênera estão sujeitas à normatividade de gênero e a reproduzem. Mesmo os países mais progressistas como a Bélgica, Alemanha, Reino Unido e Espanha, não validam a auto-expressão de gênero ambígua. Embora as pessoas nesses países tenham conseguido certos direitos para mudança de sexo, elas não têm o direito de escolher permanecer no estado intermediário ou de transitar de um estado a outro (Campuzano, 2008, p. 85).

De acordo com Campuzano (2008), algumas referências são utilizadas como justificativa para as operações de transexuais, como o conceito de “disforia de gênero” ou “desordem de identidade de gênero”. Busca-se, desta maneira, a normatividade de gênero, ratificando a lógica dicotômica moderna. Em última instância, o caráter da fluidez é negado.

Não se trata apenas de atribuir à travesti um único gênero ou sexualidade, nem dar como fato consumado sua homossexualidade ou desejo de ser genitalmente mulher. As travestis precisam se libertar das pressões normativas para poderem concretizar sua auto-expressão (Campuzano, 2008, p. 87).

Neste contexto, surgem questões que transitam no contexto simbólico de sociedades contemporâneas: indivíduos transgêneros/transexuais, em que grupo eles podem ou devem ser inseridos? Que banheiro eles devem utilizar? Sendo transgênero/transexual do sexo masculino, deve utilizar o WC feminino ou masculino? O que conta mais para a sociedade, o sexo ou o gênero? Como estas duas categorias se relacionam no contexto moderno? O que é forma, o que é conteúdo neste caso?

Em algumas situações, as tentativas de enquadramento são bastante claras, por exemplo, um banheiro público que tem em sua porta os seguintes dizeres: WC feminino – Só para mulheres. Ao ler essas informações, podemos refletir sobre várias questões concernentes às relações de gênero. Nesta seção, nos deteremos na perspectiva dos indivíduos transgêneros/transexuais.

Entendendo essas relações a partir da ideia de movimento constante, onde as variáveis se constituem e reconstituem continuamente, faço algumas incursões nas temáticas levantadas neste artigo.

Fechamento e abertura do ser. É neste caminho de ida e volta que Simmel trabalha sua forma de pensar, que utilizo como inspiração para a construção das reflexões aqui presentes.

O moderno parece necessitar da fronteira, do espaço liminar [...] O externo, o para além, emerge como tema recorrente desta forma de pensamento – e o modo como este limite se dispõe em relação ao absoluto forma uma zona de confluência sobre a qual as muitas negociações do moderno operam (Ferreira, 2000).

“WC feminino – Só pra mulheres”, reflete de certo modo a resistência social, presente na modernidade, em pensar a possibilidade da transição dos indivíduos pelas identidades de gênero. Então, o termo “feminino” usado

nas plaquetas dos banheiros públicos, neste caso, é remetido ao sexo, ao biológico. Esta pode ser uma das marcas da racionalidade moderna que busca, como dito acima, a partir de uma visão cartesiana, modelos pensados de maneira dicotômica. Indo além, como sabemos, estes pólos construídos pela razão em muitos casos se sobrepõem numa relação de superioridade e inferioridade. Da mesma maneira, em banheiros públicos busca-se colocar natureza e cultura em pólos opostos. Na perspectiva simmeliana, a passagem da natureza para cultura ocorre de forma cíclica, uma só é possível na presença constante da outra. Para ser é preciso deixar de ser. É como estar ao mesmo tempo dentro e fora do limite. Assim como o presente que ao mesmo tempo volta ao passado e espreita o futuro.

É importante, também, ressaltar que Simmel traz uma reflexão diferente de grande parte dos pensadores de sua época, no que se refere à racionalidade, afirmando que uma noção específica do ser e do viver, presente no pensamento ocidental, sacode a ideia de centralidade da racionalidade como essência do indivíduo, visto que na perspectiva simmeliana “a lógica requer suporte não lógico” (Ferreira, 2000, p. 108).

Para Simmel, transcender, transgredir é um caráter da vida, especialmente da vida moderna, marcada pela cultura da ruptura. O caráter *blasé*, descrito por Simmel em seu ensaio “As grandes cidades e a vida do espírito” (Simmel, 2005), marca o tipo metropolitano que cria uma espécie de proteção contra as perturbações profundas externas que ameaçam o ser, como bem ressalta Ferreira (2000). Este caráter deriva da tragédia da ilusão da vida moderna em que, para ser, o indivíduo precisa se converter em não ser.

Ser feminino, ser masculino, ser transgênero/transsexual, ser biologia, ser cultura, ser sujeito, ser objeto, ser espírito faz parte das flutuações e descontinuidades advindas do meio externo no qual o indivíduo está inserido. Ser feminino, ser masculino não significa apenas ser homem ou ser mulher, significa o não ser. O sujeito transgênero/transsexual moderno parece cristalizar, materializar este processo simmeliano. Onde natureza e cultura se inter cruzam exatamente na fronteira, no liminar das dissociações, onde ali mesmo se associam e se dissociam, fugindo da lógica das separações que juntam variáveis e criam categorias, por exemplo, a pessoa do sexo masculino necessariamente assumindo a identidade do gênero masculino. Simmel foge da fixidez e rigidez dos dogmas, das categorias e caminha em direção à mobilidade e pluralidade da vida; para ele, “só há incompatibilidade quando há dogma” (Waizbort, 2000, p. 27).

Neste sentido, Butler (2003), para pensar mais diretamente a discussão entre relações de gênero na sociedade moderna, aponta caminhos que se assemelham à perspectiva simmeliana descrita acima, ou seja,

da crítica à fixidez do sujeito – no caso de Butler buscando fazer uma desconstrução da ideia de que sexo e gênero representam uma dicotomia, sexo como natural e gênero como construção social. Para a autora, o sexo também é uma criação discursiva, assim como o gênero, e, neste sentido, o gênero não seria uma mera expressão da essência do sujeito. Posto isso, as teorias de Butler contribuíram para a desnaturalização da perspectiva de gênero, daí emergindo uma crítica à noção de sujeito *uno* dentro de classificações dicotômicas. A autora encara o gênero como efeito, ao invés de um sujeito fixo, centrado.

Este sujeito que está na interseção da possibilidade de utilização do banheiro direcionado ao “feminino” e do banheiro direcionado ao “masculino”, onde é produzido um momento de incerteza, de dúvida, que compõe as dualidades, parece, em certos momentos, a representação do sujeito simmeliano marcado pela mobilidade. Não que necessariamente o sujeito duvide da identidade de gênero que quer assumir, mas sim que a flutuação das situações sociais neste campo promove uma espécie de verdade móvel, aquela cara a Simmel. De acordo com ele, esta mobilidade procura enfrentar a realidade nas suas discrepâncias; a perspectiva, para Simmel, está relacionada ao movimento de aproximação e distanciamento do sujeito.

Algumas propostas surgem no que se refere à temática do banheiro, por exemplo, a de construir banheiros específicos para indivíduos transgêneros e transexuais, o que alimenta o processo de “apartamento”, que se opõe ao que a modernidade parece carecer, isto é, de tentativas de ressubjetivação. Criar mais um ‘tipo’ de banheiro não trabalha neste sentido, pois faz surgir mais um polo a ser oposto na separação homem x mulher, masculino x feminino, um processo que passaria a ser não mais dicotômico e sim ‘tricotômico’.

Pensar no banheiro a partir da lógica simmeliana, em termos de interação, de sociação, o múltiplo na sua unicidade e o uno na sua multiplicidade, talvez seja uma das possibilidades efetivas de repensar as relações de gênero na modernidade.

Referências

- BRYM, Robert et al. **Sociologia** – sua bússola para um novo mundo. Trad. São Paulo: Thompson, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

- CAMPUZANO, Giuseppe. **Recuperação das histórias travestis**. In: CORNWALL, Andrea; JOLLY, Susie (orgs). **Questões de sexualidade: ensaios transculturais**. Trad. Jones de Freitas. Rio de Janeiro: ABIA, 2008. p. 81-90.
- CORNWALL, Andrea; JOLLY, Susie (orgs). **Questões de sexualidade: ensaios transculturais**. Trad. Jones de Freitas. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.
- FERREIRA, Jonatas. Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 15, n. 44, 2000, p. 103-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4150.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Tereza da C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- MALDONADO, Simone C. (org). **George Simmel: sentidos, segredos**. Curitiba: Honoris Causa, 2011.
- QUINAGLIA SILVA, Erica. Entre o fim e o princípio: a existência. Ser não ser, eis a questão! **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 43, n. 2, 2009, p. 589-597. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2009v43n2p589>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- SIMMEL, George. **Filosofia do Amor**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana** [online], Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, oct. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 set. 2013.
- _____. A ponte e a porta. **Política & Trabalho**, n. 12, 1996.
- _____. **Questões fundamentais de sociologia**. Trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- TEXEIRA, Renata P.; OTTA, Emma. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 2, july/dec. 1998, p. 229-250. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a04v03n2.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- VANDENBERGHE, Frédéric. **As sociologias de Georg Simmel**. Bauru, SP: Edusc; Belém: EDUPFA, 2005.
- WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

Recebido em 10/08/2012

Aprovado em 28/03/2014

